

LIMA BARRETO: ROMPENDO BARREIRAS RELATO DE PROJETO DIDÁTICO

Márcia A. G. Molina (UFMA)

*Não é só a morte que iguala a gente.
O crime, a doença e a loucura também acabam
com as diferenças que a gente inventa.
(Lima Barreto)*

INTRODUÇÃO

Os objetivos deste trabalho são, primeiramente, o de divulgar um projeto didático interdisciplinar muito bem sucedido realizado com o terceiro ano do Ensino Médio numa escola da rede estadual de São Paulo, pelos professores de Língua Portuguesa, Literatura Brasileira e História, tendo como objeto de estudo o conto: *Três gênios de secretaria*, de Lima Barreto e, em segundo lugar, a partir da análise realizada, mostrar aos alunos a genialidade de seu autor que teve, no início do século, de conviver com o preconceito e até o menosprezo da sociedade. O aporte teórico que norteia os estudos é constituído por autores de teoria literária e literatura, como Massaud Moisés (1997), de gênero, como Bakhtin (2003) e de História, como Fausto (2013), dentre outros. Tratou-se, como já falado, de um

trabalho interdisciplinar envolvendo História, Literatura e Língua Portuguesa, compreendendo com Fazenda (2008, p. 14) que

A Interdisciplinaridade [...] pretende um diálogo entre pares, capazes de compreender a mensagem das diferentes línguas nas suas entrelinhas. A Interdisciplinaridade aqui arquitetada busca a troca de ideias locais e sua universalização, nesse sentido pretende não confundir as coisas da lógica com a lógica das coisas.

Para que o diálogo entre os pares fosse estabelecido, foram feitas reuniões a fim de que se definissem o período, o autor e os conteúdos efetivamente que viriam a ser enfocados. Dado o previsto em Literatura para a série (3^a): Pré-modernismo, fixou-se esse movimento como marco temporal para a organização do planejamento.

Na sequência, a professora de Literatura, norteadada pelo período e na vertente literária programada, dentre os autores dessa fase, estabeleceu como conteúdo Lima Barreto, para mostrar aos alunos que, embora pobre e mulato, tendo sofrido preconceito e descaso pelos seus pares, o literato ultrapassou barreiras sociais e de linguagem, despontando com um dos maiores nomes de nossa literatura. Já o docente de História, alinhando-se ao Pré-modernismo, reforçou a necessidade de focar a Primeira República, período em que viveu e produziu o autor; e a professora de Língua Portuguesa, programou estudar as características do gênero conto, tanto sob a perspectiva da Teoria Literária quanto da Linguística.

Feitas as delimitações e especificações de conteúdo, faltava avaliar, dentre a obra de Lima Barreto, o que bem poderia suprir às expectativas de todos os professores. Depois de uma cuidadosa leitura de grande parte da obra do autor, concordou-se que o conto *Três gênios de secretarias* atenderia satisfatoriamente aos objetivos do Projeto, que se julgou por bem chamar: “Lima Barreto, rompendo barreiras”.

Na sequência, foram determinados os passos a serem seguidos: primeiramente, o professor de História falaria da Primeira República, mostrando na obra o olhar do autor para aquele momento histórico, introduzindo o conto à classe. Logo depois, a professora de Literatura discutiria o Pré-modernismo, esclarecendo suas características e autores, pontuando Lima Barreto, autor de linguagem crítica e despojada, como um dos principais representantes do período, a despeito de todas as barreiras que teve de transpor, inclusive e principalmente, a do preconceito. Mostraria no conto as características apontadas. Ao mesmo tempo, a professora de Língua Portuguesa discutiria com a turma a noção de gênero textual, ancorada em Bakhtin, estudando sua estrutura, estilo e conteúdo, tocando também na questão do gênero, sob a perspectiva literária, exemplificando esse conteúdo por meio do conto.

Assim foi feito e os passos de como o conteúdo foi ministrado serão apresentados na sequência, na ordem: História, Literatura e Língua Portuguesa, começando-se, neste artigo, por um pequeno resumo do conto, para situar o leitor.

1. OS TRÊS GÊNIOS DE SECRETARIA²

Antes que comecemos a tratar do texto, cabe esclarecer uma questão semântica importante: na época, a palavra “gênio”, constante no título, estava estritamente ligada à sua etimologia: do latim *genius*, “talento, dom natural”,³ isso quer dizer que o narrador vai tratar dos três talentos (personagens com seus “dons naturais”) que costumava presenciar nas secretarias.⁴

Assim, o texto, em primeira pessoa, assinado por Brás Cubas, como *Memórias*, datado de 10-04-1919, teria sido recebido pelo narrador, de outra personagem, o Sr. Augusto Machado, e apresenta uma crítica mordaz aos três tipos (gênios) de burocratas que na época⁵ trabalhavam em órgãos públicos: o primeiro, o próprio memorialista: honesto e insípido, repetidor mecânico de suas funções:

Logo no primeiro dia em que funcionei na secretaria, senti bem que todos nós nascemos para empregado público. Foi a reflexão que fiz, ao me julgar tão em mim, quando, após a posse e o compromisso ou juramento, sentei-me perfeitamente à vontade na mesa que me determinaram. Nada houve que fosse surpresa, nem tive o mínimo acanhamento. [...]

[...] Com familiaridade e convicção, manuseava os livros – grandes montões de papel espesso e capas de couro, que estavam destinados a durar tanto quanto as pirâmides do Egito. Eu sentia muito menos aquele registro de decretos e portarias e eles pareciam olhar-me respeitosamente e pedir-me sempre a carícia das minhas mãos e a doce violência da minha escrita. Puseram-me também a copiar ofícios e a minha letra tão má e o meu desleixo tão meu, muito papel fizeram-me gastar, sem que isso redundasse em grande perturbação no desenrolar das cousas governamentais (p. 1).

Como ele, há o Sr. Xisto:⁶

[...] O doutor Xisto já é conhecido dos senhores, mas não é dos outros gênios da Secretaria dos Cultos. Xisto é estilo antigo. Entrou honestamente, fazendo um concurso

² O texto na íntegra pode ser lido em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ua000172.pdf>.

³ Dicionário de etimologia. Nova Fronteira, 1994, p. 383.

⁴ Órgãos públicos.

⁵ Alguns (poucos), temos visto, ainda habitam órgãos públicos, infelizmente.

⁶ Xisto Beldroegas, personagem de *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*, representa uma figura impiedosa da máquina burocrática do Estado: ridículo, obcecado por leis, totalmente alienado.

decente e sem padrinhos. Apesar da sua pulhice bacharelesca e a sua limitação intelectual, merece respeito pela honestidade que põe em todos os atos de sua vida, mesmo como funcionário. Sai à hora regulamentar e entra à hora regulamentar. não bajula. nem recebe gratificações (p. 3).

O segundo, o fofoqueiro e simpático “charadista”, o homem “que o diretor consulta, que dá informações confidenciais, para o presidente e o ministro promoverem os amanuenses. Este ninguém sabe como entrou para a secretaria; mas logo ganhou a confiança de todos [...]” (p. 2) e que:

[...] de todos se fez amigo e, em pouco, subiu três passos na hierarquia e arranjou quatro gratificações mensais ou extraordinárias. Não é má pessoa, ninguém se pode aborrecer com ele: é uma criação do ofício que só amofina os outros, assim mesmo sem nada estes saberem ao certo, quando se trata de promoções [...]

O terceiro, o pior de todos, o inútil, superficial, metido a literato, parasita da sociedade e produto típico de uma burguesia tola e falsa:

Veio de qualquer parte do Brasil, da Bahia ou de Santa Catarina, estudou no Rio qualquer cousa; mas não veio estudar, veio arranjar um emprego seguro que o levasse maciamente para o fundo da terra, donde deveria ter saído em planta, em animal e, se fosse possível, em mineral qualquer. É inútil, vadio, mau e pedante, ou antes, pernóstico [...]. Gênio doméstico e burocrático, Mata-Borrão, não chegará, apesar da sua maledicência interesseira, a entrar nem no inferno” (p. 3 e 4).

Depois de descrever os três tipos que habitavam os órgãos públicos, finaliza, como que forçado pelo hábito, como se estivesse produzindo um texto oficial: “Pela cópia, conforme.”. E assina: “Brás Cubas, Rio, 10-4-1919.” (p. 4).

Passemos agora para os passos do projeto como ocorreram em classe, com o professor de História dando início a ele, com a contextualização do período.

2. OS TRÊS GÊNIOS DE SECRETARIA E A PRIMEIRA REPÚBLICA BRASILEIRA

Como se pôde ver pela data do conto, foi ele produzido durante a primeira República, iniciada com a Proclamação da República que, como se sabe, ocorreu em **15 de novembro de 1889**, estendendo-se até 1930. Esse período foi também conhecido como **República da Espada**, pelo fato de que os dois **presidentes** brasileiros (Deodoro da Fonseca e Floriano Peixoto) tinham sido **militares**. Vale lembrar também que esse momento histórico pode ser dividido em três grandes fases:

- **Fase da consolidação** (1889-1898): marcada pela solidificação das estruturas políticas e econômicas da Primeira República, assinalada por crises na política e na economia;

- **Fase da institucionalização (1898-1921):** período no qual a estrutura política da Primeira República estava devidamente firmada, e momento em que se definiram políticas como a dos governadores e do café com leite; e
- **Fase da crise (1921-1930):** momento em que as estruturas políticas da Primeira República começaram a entrar em crise dada a incorporação de novos personagens na e da política brasileira.

A Primeira República, como um todo, também ficou conhecida como República Oligárquica, dado o predomínio das oligarquias, ou seja, forças políticas que norteavam o seu poder em suas posses, isto é, na terra. Somando-se a isso, outras características marcam a Primeira República, como o mandonismo, o clientelismo e o coronelismo.

No conto de Lima Barreto, assinado como produzido no segundo período da Primeira República, o mandonismo e o clientelismo podem ser observados em algumas de suas passagens, como, por exemplo, quando o memorialista verbaliza a necessidade de “pistolões” para a conquista de promoções: “Pensei até em casar, não só para ter uns bate-bocas com a mulher mas, também, para ficar mais burro, ter preocupações de ‘pistolões’, para ser promovido” (p. 2), ou quando, por exemplo, formula uma ironia, verbalizando o desconhecimento de como o funcionário ingressara no trabalho, levando à hipótese de que o fato ocorrera por algum auxílio extra... “Este ninguém sabe como entrou para a secretaria; mas logo ganhou a confiança de todos, de todos se fez amigo e, em pouco, subiu três passos na hierarquia e arranjou quatro gratificações mensais ou extraordinárias” (p. 3).

Nesse sentido, Cuti (2011) informa que a obra literária limana apresenta uma multiplicidade de abordagens e que favorece ao leitor o preenchimento dos vazios, com interpretações concretas. Essa marca está bastante presente nesse texto de Lima Barreto.

Além dessas, outras características marcaram esse período da Primeira República, como as políticas que sustentavam as estruturas no âmbito político do Brasil: a política dos governadores e a do café com leite. A primeira, também conhecida como política dos estados, foi criada durante o governo Campos Sales, momento em que o funcionamento político brasileiro na Primeira República foi estruturado e por meio do qual estabeleceu-se uma aliança entre executivo e legislativo. Possivelmente, teria sido nessa instância em que o funcionalismo público, infelizmente, começou a ganhar a fama negativa que “alguns” ainda ousam atribuir-lhe...

O cargo público era muitíssimo almejado pela maioria dos jovens da classe média brasileira, para que pudessem ter o que se chamava de “vida sossegada”: salários razoáveis, feriados livres e ganhos garantidos. Esse fato fica claramente registrado no conto:

Os dias no emprego do Estado nada têm de imprevisto, não pedem qualquer espécie de esforço a mais, para viver o dia seguinte. Tudo corre calma e suavemente, sem colisões, nem sobressaltos, escrevendo-se os mesmos papéis e avisos, os mesmos decretos e portarias, da mesma maneira, durante todo o ano, exceto os dias feriados, santificados e os de ponto facultativo, invenção das melhores da nossa República (p. 2).

Outra característica da Primeira República foi a Política do Café com Leite, que ganhou força no Brasil, em especial, em 1913, com a assinatura do “Pacto do Ouro Fino” entre as oligarquias de São Paulo e Minas Gerais. De acordo com esse pacto, paulistas e mineiros alternavam-se na presidência da República. O nome “café com leite” faz referência ao fato de São Paulo ter sido o maior produtor de café do Brasil, enquanto Minas Gerais, o maior produtor de leite.

Na Primeira República foi dado início ao desenvolvimento industrial, sobretudo no estado de São Paulo, em parte financiado pela prosperidade do negócio cafeeiro. Foi ela finalizada com a eleição presidencial de 1930. Naquela ocasião, o presidente Washington Luís resolveu romper com o Pacto de Ouro Fino e, em vez de lançar um candidato mineiro, optou por Júlio Prestes, candidato paulista, desagradando a oligarquia mineira. Ela, então, aliou-se à gaúcha e aos tenentistas, e juntos lançaram Getúlio Vargas como candidato presidencial, que foi derrotado, mas membros de sua chapa conspiraram contra o governo, dando início à Revolução de 1930 que depôs o presidente eleito e, em novembro do mesmo ano, Getúlio Vargas foi empossado como presidente, dando início à Era Vargas.

A República, tão idealizada e esperada na ocasião, foi mencionada de forma bastante crítica no texto pelo memorialista: “santificados e os de ponto facultativo, invenção das melhores da nossa República” (p. 2).

Finalizado esse trabalho com o professor de História, com a introdução do contexto e apresentação do conto, a professora de Literatura deu início aos seus trabalhos, com a introdução da escola literária, do autor e de sua vida e obra, mostrando o sofrimento pelo qual passou em virtude das dificuldades que teve de enfrentar.

2. O PRÉ-MODERNISMO, LIMA BARRETO E OS TRÊS GÊNIOS DE SECRETARIA

2.1 Pré-modernismo

Esse é período literário brasileiro que vai de 1902 até 1922. Muitos autores não o consideram como “Pré”, mas aceita-se essa terminologia, por se entender que se trate, efetivamente, de fase de transição: momento de denúncias e de rompimento com o ufanismo advindo com a República.

Na Europa, o período que antecedeu ao modernismo foi marcado por tensões políticas entre países imperialistas e pelo surgimento dos movimentos de vanguarda. Já no Brasil, a Proclamação da República, o surgimento das favelas e a Guerra de Canudos são alguns fatos históricos que levaram os autores desse período a realizarem críticas sociais, econômicas e políticas em suas obras.

Por ser um período de transição, o pré-modernismo apresenta, de um lado, marcas de algumas das escolas literárias anteriores: realismo, naturalismo, parnasianismo e simbolismo e, de outro, um nacionalismo crítico, sem aquele olhar idealista que pontuou o Romantismo Brasileiro, por exemplo. Sérias críticas ao Sistema eram tecidas e, nisso Lima Barreto era brilhante. Em relação ao funcionalismo público, já que fora funcionário de uma secretaria, testemunha ocular, portanto, das muitas mazelas burocráticas que ocorriam em gabinetes, denunciaria neste conto:

Gênio doméstico e burocrático, Mata-Borrão, não chegará, apesar da sua maledicência interesseira, a entrar nem no inferno. A vida não é unicamente um caminho para o cemitério; é mais alguma cousa e quem a enche assim, nem Belzebu o aceita. Seria desmoralizar o seu império; mas a burocracia quer desses amorfos, pois ela é das criações sociais aquela que mais atrozmente tende a anular a alma, a inteligência, e os influxos naturais e físicos ao indivíduo. É um expressivo documento de seleção inversa que caracteriza toda a nossa sociedade burguesa, permitindo no seu campo especial, com a anulação dos melhores da inteligência, de saber, de caráter e criação, o triunfo inexplicável de um Mata-Borrão por aí (p. 4).

Autores como Lima Barreto, Graça Aranha e Monteiro Lobato mostraram, em prosa, um Brasil sem retoques, enquanto o poeta Augusto dos Anjos revelava sua descrença na espécie humana:

[...] Na existência social, possuo uma arma
- O metafisicismo de Abidarma -
E trago, sem bramânicas tesouras,
Como um dorso de azêmola passiva,
A solidariedade subjetiva

De todas as espécies sofredoras.

Como um pouco de saliva cotidiana
Mostro meu nojo à Natureza Humana.
A podridão me serve de Evangelho...
Amo o esterco, os resíduos ruins dos quiosques
E o animal inferior que urra nos bosques
É com certeza meu irmão mais velho! [...]
(Monólogo de uma sombra)⁷

Vale pontuar que os autores desse período imprimem em sua obra uma inconformidade com o passado e o desejo romper com o que se chamavam de “Literatura decadente” que vinha sendo produzida.

Importante também notar que grande parte dos autores do Pré-Modernismo, em especial, Lima Barreto, usa linguagem menos rebuscada, mais voltada, intencionalmente para o coloquial, às vezes até bastante despojada. Essa forma de se expressar está presente em grande parte o conto em estudo. Cita-se como exemplo: “Tinha ele uma filha a casar e o ‘auxiliar de gabinete’, logo viu no seu casamento com ela, o mais fácil caminho para arranjar uma *barrigazinha estufadinha* e uma bengala com castão de ouro” (p. 4, grifo nosso).

Como o objetivo do trabalho não era somente apresentar a escola literária, ou questionar sua terminologia, passou-se, na sequência diretamente para o trabalho com o autor escolhido para análise.

2.2 Lima Barreto: o mulato que venceu⁸

O final do século XIX e início do XX, como visto, deu-se início e ocorreu a institucionalização da República, períodos de ambiguidades na e para a constituição do Brasil e do “ser brasileiro”: ao lado da modernidade da República, conviviam os resquícios e atrasos da Monarquia.

Na sociedade rural, dominavam os grandes proprietários, que antes de 1888 eram também, na grande maioria, proprietários de escravos, muitas vezes aliados aos comerciantes urbanos, que sustentavam a política do coronelismo. Já nas

⁷ Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/literatura/obras_completas_literatura_brasileira_e_portuguesa/AUGUSTO_ANJOS/EU/EU_TEXTO.HTML. Acesso em: 19 maio 2021.

⁸ Baseado em Molina (2021): “Lima Barreto e a representação do saber e da educação no início do século: uma proposta de leitura interdisciplinar na e para a sala de aula”. In: ASSIS, et al. *Lima Barreto na sala de aula: Primeiros escritos*. São Paulo: Blucher, 2021.

idades, sobretudo em São Paulo, os “coronéis” eram os donos de indústrias que mandavam e desmandavam em praticamente todos os âmbitos.

Foi um pouco antes desse período conturbado que nasceu Lima Barreto, em 13 de maio de 1881. Mulato, filho de uma escrava liberta e de um tipógrafo. Possivelmente, por isso que se apaixonou pelos livros, desde cedo.

Apesar de dedicado e estudioso, infelizmente, sentiu logo muito jovem o peso do preconceito tanto relativo à cor quanto às questões socioeconômicas.

No seu *Diários íntimos* revelaria:

Porque então essa gente continua a me querer contínuo, por quê?

Porque... o que é verdade na raça branca, não é extensivo ao resto; eu, mulato ou negro, como queiram, estou condenado a ser sempre tomado por contínuo. Entretanto, não me agasto, minha vida será sempre cheia desse desgosto e ele far-me-á grande.

Era de perguntar se o Argolo, vestido assim como eu ando, não seria tomado por contínuo; seria, mas quem o tomasse teria razão, mesmo porque ele é branco.

Quando me julgo – nada valho; quando me comparo, sou grande.

Enorme consolo. (26 de dezembro)

Tornou-se órfão de mãe muito cedo e seu pai enlouqueceu quando era ainda muito jovem, exigindo que abandonasse o curso de engenharia e passasse a trabalhar para assumir as despesas da casa. Apesar disso e tendo herdado dos pais o gosto pela leitura e escritura, iniciou sua atividade como jornalista, sendo colaborador de muitas das principais revistas de sua época: *Brás Cubas*, *Fon-Fon*, *Careta* etc. No entanto, o que o mantinha, economicamente falando, era o emprego como escrevente na Secretaria de Guerra, onde se aposentou em 1918 e onde, possivelmente, se inspirou para escrever este e muitos outros textos.

Fora internado duas vezes no Hospício Nacional, por causa de seu vício pelo álcool e os sofrimentos por que passara durante suas internações aparecem em seu livro *Cemitério dos vivos*:

[...] Não me incomodo muito com o hospício, mas o que me aborrece é essa intromissão da polícia na minha vida. De mim para mim, tenho certeza que não sou louco, mas devido ao álcool, misturado com toda a espécie de apreensões que as dificuldades de minha vida material há 6 anos me assoberbam, de quando em quando dou sinais de loucura: delírio. Além dessa primeira vez que estive no hospício, fui atingido por crise idêntica, em *Ouro Fino*, e levado para a Santa Casa de lá, em 1916; em 1917, recolheram-me ao Hospital Central do Exército, pela mesma razão; agora, volto ao hospício [...]

Algumas de suas personagens, similarmente a ele, tinham o hábito de beber e, no conto em estudo, uma delas também está presente:

– Quem é aí o doutor Mata-Borrão? O homenzinho voltou-se e respondeu, com algum tremor na voz e esperança nos olhos: – Sou eu, excelência. – O senhor fica. O seu “sogro” já me disse que o senhor precisa muito. É ele assim, no gabinete, entre os poderosos; mas, quando fala a seus iguais, é de uma prosápia de Napoleão, de quem se não conhecesse a Josefina. A todos em que ele vê um concorrente, traiçoeiramente desacredita: é bêbedo, joga, abandona a mulher, não sabe escrever “comissão”, etc. Adquiriu títulos literários, publicando a *Relação dos Padroeiros das Principais Cidades do Brasil*; e sua mulher quando fala nele, não se esquece de dizer: “Como Rui Barbosa, o Chico...” ou “Como Machado de Assis, meu marido só bebe água” (grifo nosso).

Escreveu inúmeros contos e crônicas, mas suas principais obras foram *Triste fim de Policarpo Quaresma*, em que retrata a vida de um funcionário público, nacionalista fanático, representado pela figura de Policarpo Quaresma; e *Clara dos Anjos*, que também traz à baila questões sociais da época, como o preconceito racial, a obrigação do casamento e o papel das mulheres na sociedade fluminense durante o princípio do século XX. Até o nome da personagem “Clara dos Anjos” é uma ironia, porque é ela descrita como mulata sem viço, pobre e pálida.

Lima Barreto foi bastante rejeitado e acusado pela crítica, em virtude de sua postura irreverente e mordaz à intelectualidade acadêmica da época. Essa sociedade foi desvendada nua e cruamente pelo autor, também no conto em estudo:

Na Secretaria dos Cultos, o seu típico e célebre “auxiliar de gabinete”, arranjou o sogro dos seus sonhos, num antigo professor do seminário, pessoa muito relacionada com padres, frades, sacristãos, irmãs de caridade, doutores em cânones, definidores, fabriqueiros, fornecedores e mais pessoal eclesiástico. O sogro ideal, o antigo professor, ensinava no seminário uma física muito própria aos fins do estabelecimento, mas que havia de horripilar o mais medíocre aluno de qualquer estabelecimento leigo (p. 3 e 4).

No que se refere a questões raciais, muitos consideram Lima Barreto o principal representante daquele momento histórico, pois, como já falado, enfoca com bastante propriedade temas como preconceito e racismo associados à escravidão então extinta no Brasil. Nesse sentido, descreve em várias de suas obras o tratamento diferenciado dado ao negro em relação ao branco, apontando diversas situações discriminatórias dirigidas aos mesmos, como já exemplificado. Nesse sentido, Cuti (2003, p. 92) declara que “a hipocrisia racista no Brasil, sendo muito refinada, dificilmente se expõe. Lima Barreto puxa-lhe o véu ao construir seus personagens humanizados no racismo”.

Como o conto em análise pela turma não aborda tal questão, e para que a classe melhor compreendesse o papel do autor na crítica ao racismo, foi indicada a leitura do texto: “O pecado” que conta, de forma bem-humorada, a história de

uma alma que sobe ao céu e é bem recebida por São Pedro. Ao ler uma “ficha explicativa do ex-vivo”, o Santo acredita que tal seria digna e casta e por isso deveria sentar-se à direita do trono celestial, porém ao final de toda análise de sua vida terrena, descobre-se um detalhe: era negro e então deveria ir para o purgatório.

Os alunos vibraram com o texto e a professora pôde nele apontar com profundidade essa questão para que, a partir daí, a docente de Língua Portuguesa pudesse dar continuidade ao projeto, situando, primeiramente, etimologicamente a palavra conto.

3. O GÊNERO CONTO E TRÊS GÊNIOS DE SECRETARIAS

Etimologicamente a palavra “conto” significa “relato, narração, cálculo, cômputo (XIII)”, passando depois, de acordo com Moisés (1997), a ser utilizada na literatura com o significado de história, narração, historieta, fábula.

A palavra, com o significado de invenção e ficção passou a ser usada pela literatura portuguesa no século XVI, pelo primeiro contista em língua portuguesa: Gonçalo Fernandes Trancoso, autor dos Contos e Histórias de Proveito e Exemplo, publicados em 1575.

Reis e Lopes (1990) mostraram que, com a evolução do conceito de “Literatura” e sobretudo a partir da Era Moderna, passou-se a diferenciar os tipos de gêneros literários e a definição de conto passou a situar-se primordialmente no contexto das relações entre modos e gênero.

Deu sequência ao conteúdo, tratando dos modos lírica, narrativa e drama, ensinado que esses são as categorias historicamente situadas e apreendidas por via empírica, integrando na expressão literária os gêneros: romance, conto, tragédia, canção, etc. A partir daí introduziu a questão do gênero, como se verá na sequência.

3.1 A noção de gênero sob as perspectivas literária e linguística

A noção de gênero não é nova. Pode-se dizer que tenha sido iniciada por Platão há pelo menos vinte e cinco séculos e esteve ligada especialmente aos gêneros literários, firmando-se com Aristóteles, passando na sequência por Horácio e Quintiliano.

Aplicando à literatura, Moisés Massaud (*opus cit*) ensina que o conto pode ser compreendido com um gênero narrativo de caráter linear, centrado num único tema, tempo e espaço reduzido, com pequeno número de personagens. Tem poucas divagações e é de fácil compreensão para os leitores. Coutinho (1984, p. 41), por

sua vez, informa que “o conto é atualmente gênero de grande voga em todas as literaturas”.

As características do conto, apontadas por Moisés (*opus cit*), podem ser claramente observadas no texto em análise: é linear: apresenta ao leitor os três gênios de funcionários públicos, o tempo, pode-se dizer, é simultâneo, ou seja, os três tipos coexistem, e as personagens são reduzidas: o narrador, o “memorialista” e os funcionários públicos. Finalmente, não há divagações, seu ponto de vista é declarado com clareza, favorecendo a compreensão.

Retomando a questão do gênero, Candlin, citado por Bhatia (1977, p. 629), assevera que sua noção é “um conceito que se achou no tempo” e que vem sendo usado de maneira cada vez mais frequente e em número cada vez maior de áreas de investigação. Sociólogos, tradutores, linguistas da computação, entre outros, tornando-se, inclusive, um texto cada vez mais multidisciplinar, buscando, sobretudo, responder a questões de natureza sociocultural no uso da língua em seu cotidiano nas mais diversas formas.

Para Bakhtin (2003) é impossível comunicar-se verbalmente sem que seja por algum gênero, da mesma forma que não é possível comunicar-se verbalmente sem que seja por algum texto, chegando à conclusão de que toda a manifestação verbal ocorre apenas por meio de textos realizados em algum gênero, levando-nos a compreendê-los como formas culturais e cognitivas de ação social que ocorrem de modo particular na linguagem. Bakhtin (*opus cit*, p. 301-302) afirma:

Para falar, utilizamo-nos sempre dos gêneros do discurso, em outras palavras, todos os nossos enunciados dispõem de uma forma padrão e relativamente estável de estruturação de um todo. Possuímos um rico repertório dos gêneros do discurso orais (e escritos). Na prática, usamo-los com segurança e destreza, mas podemos ignorar totalmente a sua existência teórica.

Koch e Elias (2006) ensinam que os indivíduos desenvolvem uma competência metagenérica, a qual lhes oportuniza interagir de forma conveniente, na medida em que se envolvem nas diversas práticas sociais.

Da mesma forma, seguindo Bakhtin (2003, p. 301-302), revela-se a competência metagenérica quando se adapta a fala às formas precisas de gêneros e, ao ouvir o outro, identifica-se de imediato o gênero em que se insere o texto proferido.

Bakhtin (*opus cit*) ensina que os gêneros são tipos relativamente estáveis de enunciados, identificáveis por sua estrutura composicional, estilo e conteúdo. Trata-se de entidades escolhidas, tendo em vista as esferas de necessidade temática, o conjunto dos participantes e a vontade enunciativa ou a intenção do locutor.

Para o autor, há os gêneros primários (por exemplo, os diálogos do dia a dia) e os secundários (complexos, isto é, que estão relacionados à comunicação cultural mais evoluída da sociedade). Fato reforçado por Marcuschi (2008), para quem hoje existem novos gêneros em velhas bases, advindos com o desenvolvimento das tecnologias.

O conto em estudo é do gênero secundário, complexo, relacionado com a comunicação cultural:

O meu amigo Augusto Machado, de quem acabo de publicar uma pequena brochura aliterada — Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá — mandou-me algumas notas herdadas por ele desse seu amigo, que, como se sabe, foi oficial da Secretaria dos Cultos. Coordenadas por mim, sem nada pôr de meu, eu as dou aqui, para a meditação dos leitores (p. 1).

Koch e Elias (2006), por sua vez, ensinam que, muitas vezes, ocorre a intergenericidade, ou intertextualidade intergêneros, ou seja, dá-se a fusão de gêneros diferentes para cumprir um determinado propósito comunicativo. É exatamente o que vemos no conto em estudo. Trata-se de um conto, sob a perspectiva da literatura, como já mencionado, mas revestido de Memória: “Estas minhas memórias que há dias tento começar, são deveras difíceis de executar, pois se imaginarem que a minha secretaria é de pequeno pessoal e pouco nela se passa de notável [...]” (p. 2), e finalizado como um texto oficial: “Pela cópia, conforme.” (p. 4), como habitualmente funcionários assinavam os documentos por eles lavrados. Portanto, tem-se em *Três gênios de secretaria* um conto fundido tanto com Memórias quanto com textos oficiais.

Coutinho (*opus cit*, p. 294) ensina que “as memórias põem maior relevo sobre as pessoas e coisas contemporâneas do autor e os acontecimentos que testemunhou. [...] O autor conta o que viu e viveu intercalando amiúde os seus comentários, irônicos, críticos, mordazes [...]”:

[...] bem avaliarão em que apuros me encontro para dar volume às minhas recordações de velho funcionário. Entretanto, sem recorrer a dificuldade, mas ladeando-a, irei sem preocupar-me com datas nem tampouco me incomodando com a ordem das cousas e fatos, narrando o que me acudir de importante, à proporção de escrevê-las. Ponho-me à obra. Logo no primeiro dia em que funcionei na secretaria, senti bem que todos nós nascemos para empregado público. Foi a reflexão que fiz, ao me Julgar tão em mim, quando, após a posse e o compromisso ou juramento, sentei-me perfeitamente à vontade na mesa que me determinaram. Nada houve que fosse surpresa, nem tive o mínimo acanhamento (p. 2).

Nesse caso, pode-se afirmar que intergenericidade ocorre para cumprir o propósito comunicativo de denunciar os fatos sem muito se comprometer... seu

fim era formular uma crítica a respeito dos funcionários que circulavam pelos departamentos públicos à época e, na pessoa de um outro como testemunha ocular, o relato seria revestido de muito maior veracidade, salvaguardando a figura do autor e do narrador.

Em relação ao gênero conto, sob a perspectiva de Bakhtin (*opus cit*), podemos ver que ele atende à **estrutura**: relato breve (na versão analisada são 4 páginas); poucas personagens: o narrador e os tipos descritos; tempo curto (não foi mencionado, mas pode ser inaugurado a cada leitura e ocorrer num único dia); ao **estilo** da época (Pré-modernismo), já que marcado pelo nacionalismo crítico, facilmente observado já no título do texto: *Os três gênios de secretarias*; e, finalmente, ao **conteúdo**: o relato de um fato do cotidiano: o dia a dia de um departamento público à época.

Já, quanto ao gênero memória, está atendida a **estrutura**: narração em primeira pessoa: “Estas minhas memórias que há dias tento começar, são deveras difíceis de executar” (p. 2); o **estilo**: comentários irônicos, como se pode verificar: “Pensei até em casar, não só para ter uns bate-bocas com a mulher mas, também, para ficar mais burro, ter preocupações de ‘pistolões’, para ser promovido” (p. 2); e o **conteúdo**, como já falado, relato do cotidiano.

Finalmente, o intertexto com o gênero oficial pode ser detectado, na **estrutura** final, com a assinatura como ocorre em textos dessa espécie: “Pela cópia, conforme.” (p. 4), exemplificando-se, portanto, a intergenericidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Antes de apresentarmos as considerações finais, vale lembrar que o Projeto foi desenvolvido com alunos do terceiro ano do Ensino Médio, de uma escola pública de São Paulo, portanto, a densidade do conteúdo e sua seleção foram dimensionadas para o público a que se dirigiu, pelos professores de História, Literatura e Língua Portuguesa, sob o título de “Lima Barreto: rompendo barreiras”.

Como resultado dos trabalhos, importa afirmar que os alunos se viram totalmente envolvidos pelo movimento literário Pré-Modernismo, compreenderam o porquê do “Pré” e mergulharam na figura de Lima Barreto, mulato, pobre, funcionário público. Observaram que, apesar de pouco valorizado no momento de criação de suas obras, foi, paulatinamente, a despeito de sua cor e do preconceito dominante, galgando seu espaço na Literatura Brasileira, já que inovador e rompendo estéticas anteriores, mostrou um texto sem forma fixa, transitando por diferentes gêneros textuais, fugindo, portanto, frequentemente, de normas preestabelecidas.

Muitos alunos, depois do trabalho, relataram que buscaram por outros contos e vieram apresentar suas descobertas em relação à obra desse grande nome, inclusive, no que diz respeito à questão do preconceito, como lhes fora relatado nas aulas.

Quanto ao conteúdo de História: Primeira República, os alunos viram-se mergulhados naquele contexto, tão peculiar da nossa História, de ruptura com a Monarquia, já que o próprio memorialista do texto assevera:

Quando, de manhã, novo ou velho no emprego, a gente se senta na sua mesa oficial, não há novidade de espécie alguma e, já da pena, escreve devagarinho: “Tenho a honra”, etc., etc.; ou, republicaneamente, “Declaro-vos. para os fins convenientes”, etc.. etc. Se há mudança, é pequena e o começo é já bem sabido: “Tenho em vistas”... - ou “Na forma do disposto”... (p. 3, grifo nosso).

A noção do gênero conto, tanto pela perspectiva literária quanto linguística ficou bem solidificada e isso foi revelado no momento de avaliação dos trabalhos, cujos resultados surpreenderam os três professores envolvidos no trabalho: praticamente 80% da sala obteve notas, nas três disciplinas, acima da média.

A noção de intergenericidade foi compreendida também satisfatoriamente, até mesmo porque, posteriormente, foi reforçada com outros exemplos de textos que apontam para esse tipo de enunciado.

A dor do racismo de que foi vítima Lima Barreto ficou reforçada pela leitura de trechos de seu *Diário Íntimo* e intensificada com a leitura indicada do conto “O pecado”.

Fica aqui, portanto, nosso registro, para quem deseje executar um trabalho envolvente, tomando como base um dos maiores expoentes de nossa literatura.

REFERÊNCIAS

ABAURRE, Maria Luiza M.; PONTARA, Marcela. *Literatura brasileira: tempos, leitores e leituras*. São Paulo: Moderna, 2012.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BARRETO, Lima. “O pecado”. In: *O homem que sabia javanês e outros contos*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2004.

BARRETO, Lima. *Os três gênios de secretaria*. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ua000172.pdf>. Acesso em 19 de maio 2021.

BARRETO, Lima. *Diário Íntimo*. Disponível em: <https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?action=download&id=5890>. Acesso em: 19 maio 2021.

BARRETO, Lima. *Cemitério dos vivos*. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ua000162.pdf>. Acesso em: 19 maio 2021.

BASTOS, ALCMENO. *Poesia brasileira e estilos de época*. 3. ed. Rio de Janeiro: 7 letras, 2013.

BHATIA, Vijay K. Genre analysis today. *Revue Belge de Philologie et d'Histoire*, 1997.

CÂNDIDO, ANTÔNIO. *Iniciação à literatura brasileira: resumo para principiantes/ Antônio Cândido*. – 3. ed.– São Paulo: Humanitas/ FFLCH/USP, 1999.

CARVALHO, José Murilo de. *Cidadania no Brasil: O longo Caminho*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

CUTI. *Lima Barreto*. São Paulo: Selo Negro, 2011.

FAZENDA, Ivani. *Interdisciplinaridade na educação*. São Paulo: Cortez, 2008

KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. *Ler e compreender: os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto, 2006.

MASSAUD, Moisés (1997). *A criação literária*. São Paulo: Cultrix.

MARCUSCHI, L. A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. 3. ed. Editora Parábola, 2008.

MOLINA, Márcia A. G. *Lima Barreto e a representação do saber e da educação no início do século: uma proposta de leitura interdisciplinar na e para a sala de aula*. In: ASSIS, et al. *LIMA BARRETO NA SALA DE AULA: Primeiros escritos*. São Paulo: Blucher, 2021

REIS, Carlos; LOPES, Ana Cristina. *Dicionário da Narratologia*, 2ª ed., 1990:181.